

OS DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS EM *INFERNO PROVISÓRIO*, DE LUIZ RUFFATO

Virgínia Aparecida Ramos Filgueiras

Orientadora: Lucia Helena

Teses ou dissertações recentes

RESUMO: O exílio, para Edward Said, é secular, histórico, produzido de seres humanos para seres humanos e arrancou milhões de pessoas da tradição, da família e da geografia. A diferença entre os exilados de ontem e os de hoje é de escala, pois vive-se na era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa, causada pela guerra moderna, pelo imperialismo e pelas ambições dos governos totalitários. A partir dessa concepção, o presente trabalho tem por objetivo discutir a trajetória de personagens ruffatianas que, almejando a prosperidade material, acabam se deparando com o impasse de não mais se adaptarem ao que deixaram para trás, ao “outro mundo”, mas também de não se reconhecerem em novos espaços, não pertencendo a lugar algum e sempre procurando algo melhor. Observa-se que, na maioria dos casos, a migração interna das personagens de *Inferno provisório* tem como finalidade a tentativa de estabelecimento ou de trabalho em espaços maiores que o da própria origem. Em poucos exemplos, vê-se a migração espontânea, predominando assim a migração forçada por motivos econômicos e sociais (falta de adaptação familiar, no ambiente de trabalho e na própria cidade). Nem toda migração se constitui definitivamente, nos textos. A identidade dos migrantes é fragmentada ou abalada em função das circunstâncias e momentos. A narrativa dos últimos cinquenta anos do século XX e dos primeiros do XXI trouxe como categoria central o trabalhador cataguasense, das classes operárias média e baixa, sem contar o expressivo número de personagens pertencentes ao lumpesinato. As mobilidades, os deslocamentos migratórios, a errância acarretaram desestruturação das famílias, solidão, exclusão, desassossego e ruínas. Além das reflexões de Said, considera-se, neste exame, publicações de Julia Kristeva, Lucia Helena e Walter Benjamin.

PALAVRAS-CHAVE: *Inferno provisório*, migração, Ruffato.

Esta comunicação apresenta os principais resultados da pesquisa cujo objetivo principal foi o exame da representação da migração (e suas consequências) das personagens trabalhadoras, mineiras de Cataguases, no projeto literário *Inferno provisório*, de Luiz

Ruffato. Mesmo ciente do desafio que se apresentava, dada a complexidade e a extensão da obra dividida em cinco volumes – *Mamma, son tanto felice* (volume I, 2005a), *O mundo inimigo* (volume II, 2005b), *Vista parcial da noite* (volume III, 2006), *O livro das impossibilidades* (volume IV, 2008) e *Domingos sem Deus* (volume V, 2011) – optamos pelo estudo de uma trilogia complementar e constitutiva que englobasse o estético, o político e o ético.

A proposta inicial da tese foi identificar a forma como o perfil das personagens vai se concretizando, num “romance não tradicional”, considerando o entrelaçamento, a fragmentação e a combinação de histórias, tudo por meio de diferentes artifícios de linguagem e sugestões diversas. A categoria central do trabalho foi o trabalhador mineiro de Cataguases, mas sabemos que ele não vive só; aonde vai ou por onde fica, envolve-se com pessoas, fatos, ideias, lembranças. Se o tema da pesquisa foi a migração das personagens cataguasenses, com dissemos, o problema central discutido foi o que os deslocamentos acarretaram. A desestruturação das famílias, gerando solidão, nostalgia, exclusão, ruína e (falta de) esperança foram hipóteses verificadas no estudo dos cinco volumes. Há, na pentalogia, personagens que não saem de sua terra natal, outros que saem e retornam e os que saem definitivamente. A princípio, para evitar a dispersão, acompanhamos apenas o perfil das personagens, tanto as masculinas quanto as femininas, que de fato se deslocam, mesmo sabendo da dificuldade de separar delas os entes que ficam, as lembranças do passado embaralhadas no presente e a indecisão.

Buscou-se analisar a forma como o autor tratou a migração enquanto conflito central das personagens operárias; o tipo de migração apresentada e o ponto de vista assumido pelo narrador diante dos problemas vividos por elas, no processo de modernização do Brasil (dos anos 1950 até a virada para o século XXI). Ainda, pretendeu-se identificar a forma como o cenário das narrativas foi composto, considerando a relevância da cidade de Cataguases (também personagem) na condução dos destinos das personagens operárias.

Apostando na hipótese segundo a qual a composição das histórias de *Inferno provisório* é um misto de memória, história, arte literária e uma significativa contribuição da vivência do autor, levantamos alguns traços biográficos de Luiz Ruffato (naturalidade, descendência, escolaridade, profissionalização etc) e as características socioculturais mais

relevantes de sua cidade natal, não como fim último em si mesmo, mas com intuito de reunir um conjunto de elementos que julgamos poder explicar melhor a construção do seu projeto literário.

Os antepassados de Luiz Fernando Ruffato de Souza, do lado paterno, são de origem portuguesa e, do lado materno, são italianos. Estes, ao chegarem da Itália, passaram a peregrinar pelo litoral paulista e por algumas cidades dos Estados de São Paulo e de Minas Gerais, até fixarem residência na zona rural de Rodeiro, situada na Zona da Mata de Minas Gerais. Suas origens estão, assim, fortemente ligadas aos processos da expressiva imigração Itália-Brasil e da menos numerosa, mas não menos sofrida, migração de São Paulo-Rodeiro-Cataguases.

A trajetória de Luiz Ruffato, em vários momentos e circunstâncias, se assemelha à de seus antepassados, embora ele tenha traçado o caminho inverso (seus textos hoje são publicados em Portugal e na Itália, sem contar projetos que lá desenvolve). Ruffato nasceu em quatro de fevereiro de 1961 em Cataguases (Minas Gerais), onde viveu até os 17 anos. De janeiro de 1978 a dezembro de 1983, morou, trabalhou e estudou em Juiz de Fora (cidade mais populosa da Zona da Mata Mineira, situada a 120 km, aproximadamente, de Cataguases). Nesse intervalo, viveu por um ano (1981) em Alfenas (sul de Minas) e, definitivamente, passou a viver em São Paulo a partir de dezembro de 2003. Entre essas cidades, Rodeiro, Cataguases e São Paulo se destacam nas narrativas estudadas. A migração faz parte da vida de Ruffato como faz da de suas personagens, não só as do *Inferno provisório*, mas, por exemplo, a de Serginho, o protagonista de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, cataguasense que tenta sobreviver a todo custo em Portugal – história que ilustrou nossa discussão sobre a hipótese da possível deformação ideológica diante das imposições mercadológicas.

Duas grandes contribuições foram Said e Kristeva. No ensaio número 09, intitulado “Lembrança do Cairo: crescendo nas contracorrentes culturais dos anos 40 no Egito”, de *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), Edward Said apresenta, com peculiar sensibilidade, aspectos de sua biografia. Seus pais e os cinco filhos abandonaram, em 1963, o Cairo, onde moraram durante três décadas. Quinze anos depois, Said voltou lá como turista e se hospedou pela primeira vez em hotel no Cairo. A sensação era de melancolia. Uma

segunda visita, em 1977, mostrou ao exilado uma face “espalhada” da cidade, sem controle demográfico e com serviços deteriorados. Agora, infeliz, tinha a sensação de desânimo, de não pertencimento e de não reconhecimento, pois a visita poderia ter sido feita a qualquer metrópole do Terceiro Mundo, segundo ele. O que restou do deslocamento da família ficou impregnado na linguagem: ““Desde o Cairo”, eu dizia com frequência à minha mãe, expressão que para nós dois significava a demarcação mais importante da minha vida e, creio eu, da dela.” (SAID, 2003, p. 100).

O exílio, para Said, é secular, histórico, produzido de seres humanos para seres humanos e arrancou milhões de pessoas da tradição, da família e da geografia. A diferença entre os exilados de ontem e os de hoje é de escala, pois nossa época é a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa, causada pela guerra moderna, pelo imperialismo e pelas ambições dos governos totalitários. Nesse cenário, o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo; na escala do séc. XX, ele não é compreensível do ponto de vista estético nem humanista. Na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão, mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas dos “sofredores” e sua mudez.

Às vezes, o exílio, ainda segundo o crítico, é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas somente às vezes, porque nada é seguro. Além disso, o exílio é uma condição “ciumenta”, o que se conquista não se tem vontade de compartilhar, delimitando o espaço entre os seres exilados e compatriotas. Às vezes, falta a solidariedade de grupos e há a hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo, mesmo aqueles que estão na mesma situação.

Em alguns aspectos, as ponderações de Said se aproximam das de Julia Kristeva, que, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), trata do nacionalismo como um sintoma, oriundo da revolução burguesa, a princípio romântico e posteriormente totalitário nos séculos XIX e XX. Um nacionalismo oposto às tendências universalistas (religiosas ou racionalistas), marcado por segregar e perseguir o estrangeiro, mas não chegando ao individualismo particularista e intransigente do homem moderno. A partir da subversão do individualismo moderno e do momento em que o cidadão-indivíduo deixa de se considerar unido e glorioso

para descobrir suas incoerências, seus abismos e estranhezas, é que Kristeva insere a questão central, ou seja, “não mais a da acolhida do estrangeiro no interior de um sistema que o anula, mas a da coabitação desses estrangeiros que todos nós reconhecemos ser.” (KRISTEVA, 1994, p. 10).

O peso do estrangeiro, para Kristeva, não é calculado somente por sua superioridade numérica, mas vem da consciência de cada indivíduo, de certa forma, de ser também um estrangeiro. Nas múltiplas possibilidades no mundo de hoje, cada um pode experimentar por algum momento a condição de estrangeiro (seja como turista, em trabalhos temporários fora do próprio território etc).

Essa indagação é examinada por Kristeva numa perspectiva ambígua que, se por um lado, há a falta de humildade e generosidade de uns, por outro, há a raiva regressiva e protecionista: “não será preciso permanecermos unidos para, juntos, expulsarmos o intruso ou, pelo menos, colocá-lo no ‘seu’ lugar?” (KRISTEVA, 1994, p. 27). É nesse sentido que o “senhor” transforma-se em escravo e passa a perseguir seu conquistador; e o estrangeiro perseguido (como invasor) desperta no nativo os piores sentimentos de vingança.

Julia Kristeva nasceu na Bulgária e reside há anos na França; assim, como Said, é também migrante, embora este tenha vivido em condições e circunstâncias diferentes. De todo modo, a estranheza ou o desconforto do estrangeiro em relação a si mesmo e aos outros é o ponto convergente entre as ponderações desses dois autores.

São muitos os autores que se dedicam ao estudo dos deslocamentos dos exilados, distribuídos em tipos diferentes de migrações como: forçada, legal ou ilegal, de fronteira, pendular ou diária, sazonal, semanal, temporária, voluntária, clandestina, definitiva, de trabalho específico, intracontinental, intercontinental etc. Na literatura ou fora dela, diferentes enfoques de diferentes autores tratam dos exilados, imigrantes (legal, clandestino ou sem documentos válidos), emigrantes, refugiados, deslocados, deportados, repatriados, expatriados em situações específicas de fluxos migratórios ou de êxodos rural e urbano.

As histórias de *Inferno provisório* representam as migrações internas a partir do microcosmo mineiro. A urbanização advinda da industrialização foi esvaziando paulatinamente as regiões de Rodeiro-MG e ampliando a de Cataguases desde a década de

1950. Juiz de Fora não chega a ser polo ou centro intermediário na pentalogia porque a migração, por atração, se dá efetivamente na ordem: Rodeiro, Cataguases, São Paulo (maior número de personagens) ou Rio de Janeiro (menor número) – exceto para as personagens que permanecem em Cataguases.

Em entrevistas, Luiz Ruffato confessa não ser um bom leitor de si mesmo. Numa conversa entre amigos, um de seus leitores apostou que o grande tema de *Inferno provisório* não é o deslocamento migratório, como o próprio Ruffato anuncia, mas sim a desintegração da(s) família(s). Pensamos que as duas abordagens são indissociáveis.

Um primeiro exemplo é o de Norma (história “Aquário”, do volume I, *Mamma, son tanto felice*), personagem que não migra. Sua apresentação é feita pelo ângulo de visão da mãe. “– Você não conhece sua irmã, Carlinho... Imagina! Ela se preocupar com um cachorro... Não trata nem dos filhos, Deus que me perdoe...” (RUFFATO, 2005a, p.48). Operária, tecelã da Manufatora, Norma casou-se aos dezessete anos de idade, sem gostar de Alfredo – um homem reservado, sistemático, também operário, contramestre da Industrial e jogador centroavante do Clube Operário. Casou-se para desvencilhar-se do autoritarismo do pai e de Fernando e das chantagens da avó materna, o que demonstra total submissão e impotência de Nica Finetto diante das ações dos membros da família.

A indiana Gayatri Spivak, ao refletir sobre o contexto da produção colonial, afirma que se “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (SPIVAK, 2010, p. 85). Isolando as especificidades, podemos estender essa argumentação para o ambiente doméstico da nossa análise, uma vez que, segundo a autora, a marginalidade do subalterno é um fardo mais pesado para a mulher do que para o homem, uma vez que a mulher subalterna quando tenta falar não encontra meios de se fazer ouvir. No nosso exemplo, nem no núcleo familiar, interno.

A trajetória de Norma é bastante significativa para o tema que estamos tentando explorar. Mesmo cuidando de três filhos, ela fez curso de secretária no Senac e foi trabalhar em um consultório médico. Envolveu-se emocionalmente com o médico, o que gerou comentários em toda cidade, mas Alfredo, admirado com o esforço e o dinamismo da esposa, atribuiu as intrigas à inveja das colegas, outras operárias que viviam para o trabalho e a

família: “...envelheciam debruçadas nos teares das fábricas, ou mofavam entediadas no fundo melancólico de um armarinho, ou definhavam esperando o marido com a janta na mesa.” (RUFFATO, 2005a, p. 67). Após tentar se afirmar como secretária em outros consultórios, Norma acaba sendo contratada por um médico prestigiado e rico, que angariava com facilidade votos nas eleições. Subjugando os boatos, ela se julgava superior às outras mulheres de sua classe, porque dela “emanava o poder, dela poderiam obter favores ou vinganças.” (RUFFATO, 2005a, p. 67). É o mito do poder diluído nas mãos de quem tem a ilusão de detê-lo.

Pode-se dizer que os irmãos Norma e Fernando, pela origem humilde, foram “longe demais”, para usar uma expressão bem popular, pois concluíram cursos no Senac e Senai, respectivamente. A vida de Fernando foi desperdiçada muito cedo (por atropelamento), mas a de Norma trilhou caminhos questionáveis pela sociedade; quando ela tem oportunidade de construir uma vida autônoma, passa a reproduzir o lado mais reprovável do comportamento masculino. Talvez Norma seja uma das poucas personagens femininas da pentalogia em condições de construir com liberdade uma carreira profissional promissora, de qualidade, no entanto ela se aproxima do poder local, pautando sua ascensão social pela falta de ética, sem se importar com a cidadania dos membros de sua família e de sua classe subalterna.

Outro exemplo: das cinquenta e uma páginas, cinco títulos e seis subtítulos da história “Era uma vez” (*O livro das impossibilidades*, volume IV) deve-se destacar a trajetória de Nelly, esposa de Dimas e mãe de Nathália e Nilson Guedes e também a de Luís Augusto (Guto). A origem de Nelly está no bairro Vila Teresa. De lá saiu para tentar a vida em São Paulo, causando inveja nas amigas que ficaram em Cataguases nos teares das fábricas dos Pratas, situação próxima a de Norma em “Aquário”, exceto no que diz respeito à perseverança, à vontade individual e à conduta de Nelly. Sua vida, entretanto, não é de sorte como enxergam as amigas. Para o narrador, Dimas é homem bonito (de olhos azuis, cabelos e bigodes negros, dentes perfeitos), aparentemente um ótimo marido, mas que com o tempo demonstra pouco dinamismo para o enfrentamento da vida. Nelly, ao contrário, sem comodismo, emprega-se como faxineira no Hospital Santa Cruz, apoia o deslocamento da família para São Paulo, esquece Dimas, constrói uma moradia simples, com dois cômodos para aluguel e espaço para acomodar os pais. Tempos depois, faz curso de auxiliar de enfermagem e torna-se enfermeira. Um caso exemplar no contexto feminino da pentalogia.

Nelly tinha urgência das coisas. Enquanto Nelly prosperava, Dimas afundava, “chafurda os pés” (RUFFATO, 2008, p. 20). O bloco intitulado “Dimas” sugere sua morte. Em duas páginas anteriores, as supostas sorte e felicidade do casal são desconstruídas.

São Paulo, como saída, não garante a eliminação dos problemas já vividos em Cataguases. “Julho, 3, sábado” é um bloco importante porque apresenta a personagem Luís Augusto, que reaparecerá na última história do último volume (*Domingos sem Deus*). Guto, observador, estudioso e amante dos livros, é levado a São Paulo pelo pai Raul Gomes para visitar os amigos, quase parentes. Chegando a São Paulo, são recebidos por Alzira e Olegário, pais de Nelly. As primeiras dificuldades enfrentadas por Guto na metrópole surgem dentro de casa e são decorrentes de um tipo de choque cultural. O filho de Nelly, Nilson Guedes lança um olhar de reprovação sobre o mineiro.

O protagonismo em “Era uma vez” parece estar dividido entre Luís Augusto e Nelly, duas personagens que levam o leitor à reflexão sobre as possíveis promessas de liberdade e redenção na pentalogia. De Guto tem-se o momento crucial (a visita a São Paulo), decisivo para sua vida futura, que será mostrada na derradeira história do quinto volume, em que ele se instala definitivamente na metrópole como jornalista, apesar de todos os percalços. Sobre Nelly, vê-se que ela consegue, com determinação e o esforço do próprio trabalho, se formar em Enfermagem e reunir e manter a família unida, mesmo tendo enfrentado os fracassos do marido e outros problemas. “Se a vida na Zona da Mata era miserável, a realidade da fuga, na saga de Ruffato, parece pior ainda, não fosse por exemplos como o de Nelly, de ‘Era uma vez’ (...)” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 86). Na lista em que se inclui o exemplo da personagem Nelly, acrescentamos o de Luís Augusto.

Procuramos nos guiar na tese (defendida em 23/02/2016, na UFF, sob orientação da Profª Drª Lucia Helena) pela estreita ligação entre literatura e história expressa na proposição benjaminiana que, afastada do historicismo oficial, prega a descontinuidade e a não linearidade do processo histórico, processo este marcado pela permanente renovação de energias de um presente associado a um árduo passado e um futuro pouco propício a redenções. Examinar os fenômenos sociais por essa ótica é considerar o passado enquanto categoria essencial, repleta de significados, em que se deve incluir o ponto de vista do vencido.



Escovar a história a contrapelo significa recuperar ou reescrever o processo histórico incluindo o vencido, já que a escrita hegemônica considera o vencedor. As utopias prometidas pelo Iluminismo não se concretizaram; e a modernidade resultou, irracionalmente, em muitos momentos obscuros de antagonismos e em tenebrosas ameaças e contradições.

O artista ou o anjo da história repensa a sequência linear dos acontecimentos históricos e reelabora, a seu modo, as ruínas e as catástrofes que, especialmente, visualiza ou vivencia. Dado seu compromisso assumido com a sociedade, o artista, mesmo não controlando a velocidade do progresso, não se afasta do que não domina, ao contrário, permanece enfrentando o futuro não sonhado e denunciando os destroços, historicamente, amontoados a seus pés, no presente.

A força das metáforas benjaminianas introduzida com justeza na nova concepção da história colabora com a nova compreensão da literatura moderna – uma literatura que, ao retratar seu próprio tempo, vai contra os reveses criados nele/por ele, auxiliando o homem na condução das adversidades impostas pelo progresso.

A opção pela ótica do vencido conduziu por completo o projeto literário *Inferno provisório*. Luiz Ruffato, visualizando e simultaneamente vivenciando o conturbado mundo que o cerca, constituiu uma obra contemporânea e original. Tempo, espaço, enredo e personagens (bem nomeadas) foram extraídos de fatos bastante próximos do escritor, que incorporou a realidade a partir da própria percepção individual. É um romance que se estrutura aos moldes da nossa sociedade fragmentada e que demonstra não só um manejo coerente do escritor com a experiência formal, mas também a abordagem de um conteúdo crítico resultante da observação sensível do mundo desagregado.

As personagens de Ruffato, almejando a prosperidade material, acabam se deparando, envolvidas no fenômeno da migração, com o impasse de não mais se adaptarem ao que deixaram para trás, ao “outro mundo”, mas também de não se reconhecerem em novos espaços, não pertencendo a lugar algum e sempre procurando algo melhor.

Observamos que, na maioria dos casos, a migração interna das personagens teve como finalidade a tentativa de estabelecimento ou de trabalho em espaços maiores que o da própria origem. Em poucos exemplos, vimos a migração espontânea, predominando a

migração forçada por motivos econômicos e sociais (falta de adaptação familiar, no ambiente de trabalho e na própria cidade). Nem toda migração se constituiu definitivamente.

O caso de imigração mais numeroso vem dos italianos e em porcentagem bem mais baixa, de portugueses. O êxodo rural é um deslocamento que na pentalogia se aplica aos italianos (de Rodeiro para Cataguases); os portugueses permanecem no perímetro urbano de Cataguases. Quanto à emigração, *Estive em Lisboa e lembrei de você* é o único exemplo examinado na tese. Em todos os casos, a identidade dos migrantes é fragmentada ou abalada em função das circunstâncias e momentos.

A narrativa dos últimos cinquenta anos do século XX e dos primeiros do XXI trouxe como categoria central o trabalhador cataguasense, das classes operárias média e baixa, sem contar o expressivo número de personagens pertencentes ao lumpesinato. As mobilidades, os deslocamentos migratórios, a errância acarretaram desestruturação das famílias, solidão, exclusão, desassossego e ruínas.

Com relação a outras obras contemporâneas, procuramos elucidar na tese a universalidade do texto de Luiz Ruffato – o mineiro de Cataguases, de origem humilde, ex-professor e ex-jornalista (por opção) –, que, falando de sua própria aldeia, com consciência individual e coletiva, de uma forma não panfletária, consegue aproximar, ficcionalmente, uma personagem de uma única história a outras tantas da literatura brasileira ou mundial, que, mesmo não sendo contemporâneas, carregam a dor da incerteza, da ruína e nem sempre vislumbram a “saída” e a esperança.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



RUFFATO, Luiz. *Mamma, son tanto felice (Inferno provisório, v. I)*. Rio de Janeiro: Record, 2005a.

_____. *O mundo inimigo (Inferno provisório, v. II)*. Rio de Janeiro: Record, 2005b.

_____. *Vista parcial da noite (Inferno provisório, v. III)*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *O livro das impossibilidades. (Inferno provisório, v. IV)*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Domingos sem Deus. (Inferno provisório, v. V)*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.